

**UNIVERSIDADE E DECOLONIALIDADE: INSIGTS DE UMA EXPERIÊNCIA
BRASILEIRA**

FABIANA PINTO DE ALMEIDA BIZARRIA

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

MONICA MOTA TASSIGNY

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR)

FLÁVIA LORENNE SAMPAIO BARBOSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)

ANTONIA MÁRCIA RODRIGUES SOUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)

UNIVERSIDADE E DECOLONIALIDADE: *INSIGTS* DE UMA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA

1 INTRODUÇÃO

Educação Superior, Universidade, Sociedade, são temas de variadas discussões no Campo da Educação, particularmente associadas à ideia de reformas universitárias e mercantilização do ensino (ALMEIDA FILHO, 2007; MARTINS, 2012). Nos últimos anos, os debates vão além desses pontos, pois questionam a própria função social da Universidade (MORITZ et al., 2011), inclusive quando novas modalidades de obter conhecimento (mais rápidas, ou onerosas, mais virtualizadas, e direcionadas) ensejam estímulo ao abandono (BIZARRIA; TASSIGNY; FREIRE, 2017).

Na perspectiva da produção do sistema capitalista, tem-se um conhecimento produzido em função de ranques internacionais, quando a excelência é obtida pela produtividade e atendimento de interesses econômicos (MENEZES; AMARAL, 2016), associados à ideia de “serviços” que acentua a mercantilização da educação superior (PÉREZ; SOLANAS, 2015; SGUISSARDI, 2015). Nesse caso, a capacidade de ensinar é secundária, haja vista a importância que a produtividade acadêmica assumiu nesse sistema (RASMUSSEN, 2015).

Este conhecimento reflete um modelo hegemônico eurocêntrico de saber produzido do Norte, importado pelas universidades do Sul Global, aquelas que possuem históricos de processos de colonização (GAÑAS; GALLEGOS, 2016). Em função das características históricas dos países considerados periféricos, associadas ao colonialismo, essa importação enseja consequências problemáticas no que respeita à colonialidade do saber (no âmbito da dependência acadêmica e intelectual) (DUSSEL, 2016; LANDER, 2005; MIGNOLO, 2004; QUIJANO, 2009) e do ser (no âmbito da dependência ontológica) (ANDRADE, 1985; ALATAS, 2003), como expressão de um padrão colonial manifesto como poder que se organiza ante a retórica da modernidade e que justifica concepções e práticas de violência (MIGNOLO, 2017).

Veicula-se, com efeito, saber na lógica verticalizada de imposição de conhecimento, cultura, valores dos países desenvolvidos aos Estados em desenvolvimento (DIAS, 2014), quando se assume um modelo ocidental de globalização neoliberal e internacional (SANTOS; TAVARES, 2016). Nesse caminho, a decolonização do pensamento, e, de saída, das ciências, apresenta-se na perspectiva do questionamento do privilégio da concepção epistemológica europeia (OLIVEIRA, 2017).

Por outro lado, a hegemonia do conhecimento é questionada em razão de uma proposta epistemológica alternativa, o projeto Epistemologias do Sul, central nas pesquisas de Boaventura de Sousa Santos (BONET, 2010). Nessa reside uma concepção de conhecimento que se alinha aos aspectos substantivos do ser humano, por buscar ativar processos de emancipação social com base no reconhecimento dos saberes, práticas e experiências dos sujeitos, convocando-os a agentes de transformação social (SANTOS, 2016).

Deriva da leitura de Santos (1989a, 2010) o fato de que funções, demandas e respostas contraditórias revelam a lista de desafios às universidades para o século XXI. E as estratégias de enfrentamento, na ideia de Santos (1989a, 2010), vão ao encontro de uma atitude contra-hegemônica, em adesão à proposta de “pluriversidade”, quando o espaço universitário é revisto por meio do respeito à pluralidade do ser humano. Com isso, defende a democratização não apenas do acesso ao ensino superior, mas, também, do próprio conhecimento produzido, dando ênfase à diversidade de saberes, ao estreitamento entre teoria e prática e à contextualização das investigações.

Assim, na perspectiva da crise de hegemonia, o projeto Epistemologias do Sul reclama por discursos alternativos em relação à abordagem dos problemas sociais, no horizonte de

uma ciência que seja indutora de uma vida mais harmonizada com as necessidades das pessoas, e dos grupos sociais (MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2013; RAMOS, 1989; SANTOS, 2007a, 2007b; ALVES, 2013).

Nesse horizonte, a pesquisa centra esforços na experiência de uma Universidade Federal Brasileira, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), *locus* dessa pesquisa, tendo como objetivo geral, caracterizar a Instituição, como um Projeto Inovador, em decorrência de sua perspectiva epistemológica no campo da decolonialidade epistêmica, considerando seus documentários institucionais.

2 INSTITUCIONALIDADE, LEGITIMIDADE E HEGEMONIA

A proposta inovadora que se atribui a Instituição estudada, é melhor explorada se a leitura avançar no âmbito das crises da Universidade, que centralizam debates em todo o mundo (DIAS SOBRINHO, 2010), particularmente associadas às consequências adversas à sociedade da relação entre formação acadêmica e sistema capitalista quando este assume a expressão de um regime cultural, civilizacional e ideológico (SANTOS; MENESES, 2009; SINGER, 2005)

A crise de institucionalidade surge em razão de demandas por formação para o mercado com base em conhecimentos instrumentais, o que contrasta com um ensino superior voltado para a alta cultura, amparado por conhecimentos exemplares para a formação das elites (funções contraditórias). Nesse contexto, têm-se que as academias são percebidas como símbolos “[...] da separação existente entre a alta cultura e a vida, entre os intelectuais e o povo” (GRAMSCI, 1982, p. 125).

A crise de legitimidade, por sua vez, situa a reivindicação por oportunidades e democratização do acesso pelas classes populares, o que influencia a hierarquização do conhecimento restrito às camadas sociais elitizadas (demandas contraditórias). A crise de institucionalidade, por último, tenciona o exercício de autonomia com a resposta à pressão das demandas sociais, ao passo que a formação de mão de obra para o desenvolvimento econômico impõe à academia a submissão a valores e objetivos em atenção a critérios de eficácia e produtividade de natureza empresarial (SANTOS, 2010)

A crise de hegemonia da universidade evidencia que a concepção epistemológica, sustentáculo da ciência moderna, conduz a resultados problemáticos em relação à qualidade de vida das pessoas e dos grupos sociais. Considerando-a como uma ideia de conhecimento estruturada em torno de um sistema de produção capitalista, a epistemologia nos termos da ciência moderna negligencia a pluralidade humana. Com isso, esse tópico aprofunda a discussão, ao delinear o Projeto Epistemologias do Sul como proposta alternativa, sendo esta uma referência para sustentar nova ideia de conhecimento em consideração às diferenças, à diversidade, às práticas sociais. Tal projeto, portanto, sugere *insights* sobre a crise de hegemonia e oferece elementos à sua superação.

No que respeita às crises, o Projeto traz luz sobre concepção epistemológica alternativa, que evidencia crítica à centralidade do mercado no âmbito da contestação da colonialidade. Nesse caso, a crise de hegemonia afere outro discurso, quando associado ao projeto, ao passo que a tradução intercultural enseja possibilidades de enfrentamento dessa crise em consideração à defesa da pluralidade (da diversidade e da diferença) e ao diálogo ecológico.

3 O PROJETO EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Inicialmente, convém ressaltar o fato de que um resgate epistemológico, na concepção de Nunes (2008), traz luz sobre a historicidade da elaboração de conhecimento, bem como admite que de, um determinado contexto histórico, novas elaborações possam emergir,

porquanto, sem a história, a epistemologia se transforma em um discurso abstrato e vazio (KOCHE, 2005). A historicidade, ampliada a vivências e culturas de povos não circunscritos à história ocidental, alimenta nova ideia sobre critérios de validade do conhecimento, especificamente quando considerar outros saberes, implica inteligibilidade de uma experiência social sob o prisma não ocidental (SANTOS; MENESES, 2009). É, então, em torno de uma nova historicidade epistemológica (KOCHE, 2005), agora com implicações diretas sobre validade de conhecimentos negados pela ciência moderna, que se abriga o principal desafio do século XXI (MENESES, 2008; OLIVEIRA, 2017).

No que diz respeito à historicidade da epistemologia, compreende-se emergir a reflexão epistemológica em torno da problemática da colonialidade do poder, do saber e do ser (DUSSEL, 2016; LANDER, 2005; MIGNOLO, 2014; QUIJANO, 2009), na perspectiva de contestar os padrões epistêmicos erguidos sob uma racionalidade seletiva à órbita do conhecimento que implica a negação do que não converge para os valores da Modernidade ocidental (MIGNOLO, 2017). Neste caminho, exclui-se o que não se compatibiliza com o projeto civilizatório, ao passo que nega as práticas e seus agentes na pretensão de justificar a necessária expansão do saber universal, assumido na prática de dominação colonial (QUIJANO, 2009; DUSSEL, 2016). Assim, a Modernidade, com a pretensão de superioridade histórica enseja os critérios do conhecimento legítimo, sendo primitivo, inferior e irracional o que não se “enquadra” nessa leitura de mundo.

O colonialismo, nesse caso, naturalizou diferenças entre o norte e o sul, ciência moderna da não ciência (conhecimento não válido) e justificou a dominação, o que implicou destruição deliberada do conhecimento e da cultura dos povos, dos outros, dos não civilizados. A estes, cabe o esclarecimento, o conhecimento do Primeiro Mundo. Nesse ponto, Santos (2016) ressalta o que se constituiu como um “epistemicídio”: a destruição dos saberes, das subjetividades, das culturas dos sujeitos-objeto de dominação; um projeto universal, de homogeneização do mundo, contrapondo-se e reduzindo a diversidade epistemológica do mundo (SANTOS; MENESES, 2009).

Esse movimento, em ascensão no século XIX, reflete na transformação da ciência em força produtiva do capitalismo, quando o conhecimento válido hegemônico restringe os problemas sobre os quais a ciência busca respostas e, sob esse prisma, os retornos acadêmicos reduzem (por demarcar, limitam) os problemas existenciais (SANTOS, 2008). De igual maneira, o modelo de ciência ocidental assume a representação civilizatória de uma sociedade liberal, como sendo a única possível diante de um futuro certo, numa visão progressista, que se cristalizou ao longo dos últimos séculos (LANDER, 2005). A colonialidade, nesse caso, revela-se como uma agenda oculta da Modernidade ocidental, ao passo que ofusca seu lado obscuro, ao introduzir a ideia de salvação, civilização e desenvolvimento, quando as violências são justificadas (aumento da pobreza e degradação do ambiente) (LEE; HOGLING; MIGNOLO, 2015).

Nos últimos anos, no entanto, se percebe crescente a preocupação com a limitada capacidade de abordar adequadamente assuntos de poder, raça e colonialidade por parte da ciência de tradição eurocêntrica (BHAMBRA, 2014). Nesse movimento, se expressa em disputa a concepção do “Sul”. Além de Boaventura de Sousa Santos, Raewyn Connell despontam com noções teóricas sobre esse conceito (ROSA, 2014). O primeiro associa “epistemologias do sul” à ruptura da lógica abissal, em torno de linhas que demarcam conhecimento válido de saber não considerado pela ciência moderna, sendo esta atrelada à consecução de um projeto de sociedade capitalista. A segunda centraliza seu debate não nas epistemologias, mas nas sociologias produzidas fora da Europa. Nesse caso, argumenta sobre a necessidade de consideração teórica em relação ao que é produzido no sul.

O projeto do “Sul”, ainda, reúne um grupo heterogêneo de pesquisadores, com focos de análises distintos, o que ainda o faz tema em disputa e com elementos ainda não estabilizados,

fato a ensejar contestação sobre a dificuldade concreta de reunir distintos conhecimentos e atestá-lo academicamente (ROSA, 2014). Nesse caminho, é considerado um conceito em elaboração, à medida que representa um movimento de libertação colonial de um sistema opressor, situando-se crítico à globalização e suas consequências (MENEGHEL; AMARAL, 2016).

De todo modo, a concepção “Epistemologias do Sul” questiona o eurocentrismo, não apenas numa perspectiva geográfica (de um “saber” que é feito fora da Europa). A pós-colonialidade, por sua vez, centraliza críticas à racionalidade moderna e suas implicações sobre a negação da diversidade de saberes (MENESES, 2008). O novo momento amplia a atenção das culturas periféricas, busca expandir a história do mundo e convoca o diálogo intercultural e simétrico, entre pensadores do sul (DUSSEL, 2016), haja vista que há outras opções de dar sentido à história (sociedade, economia, organização política, relações internacionais etc.) quando se assumem necessários projetos que objetivem a decolonialidade do conhecimento (MIGNOLO, 2014), uma etnografia mais complexa, que torne tangíveis opções epistêmicas emergentes (MENESES, 2008). Subjaz a este desafio o reconhecimento do esgotamento do modelo intelectual e político que procurou se impor como global nos últimos séculos (MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, 2012; MENESES, 2013).

Com o panorama pós-colonialista, argumenta-se em favor de um paradigma de transição, na proposta de uma “decolonização” epistêmica (MIGNOLO, 2017). A transição situa a perplexidade dos problemas advindos de modelo dominação euro-norte-americana, uma dominação direta, política, social e cultural, que violentou sobremaneira os povos da América Latina e da África (QUIJANO, 2009). A transição, ainda, situa nova perspectiva de conhecimento que, operada nos termos de uma Epistemologia do Sul, caminha para a emancipação, por transformar pessoas em agentes sociais em respeito aos seus conhecimentos, culturas e práticas sociais.

O projeto Epistemologias do Sul, portanto, representa um conjunto de proposições articuladas ao enfrentamento da colonialidade, na proposta de um método, as sociologias transgressivas (ausências e emergências), que expandem simbolicamente conhecimentos e práticas e constituem futuros com suporte em opções reais (ESCOBAR, 2016). O Projeto reflete um pensamento pós-colonialista e, por isso, sua condução precisa cultivar uma imaginação sociológica “decolonial” (SAVRANSKY, 2017), na perspectiva de reconhecer que não há justiça cognitiva sem justiça existencial e esta é marcada pela constituição de futuros possíveis com preservação do patrimônio intelectual dos povos do “Sul Global” (TILLEY, 2017).

4 METODOLOGIA

A pesquisa analisa quatro vídeos-documentários autônomos, disponibilizados no mês de novembro de 2016 no *site Youtube* e um vídeo institucional não disponibilizado na internet. O material foi produzido por docentes e discentes do Grupo de Trabalho Educação, Artes e Interdisciplinaridades - EARTI e do Projeto de Extensão Universitária AFRODITA: a arte da educação e a formação de arte-educadores interculturais, ambos da Instituição, ambos da UNILAB. São os vídeos: 1. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) (5 minutos e 33 segundos); 2. A Integração Internacional, a Cooperação Sul-Sul e Interculturalidade na UNILAB (5 minutos e 49 segundos); 3. Direitos epistêmicos e ruptura paradigmática na UNILAB (3 minutos e 23 segundos); 4. O projeto político e pedagógico da UNILAB (4 minutos e 43 segundos).

Para empreender a análise de documentários realizados sobre a Instituição, considerou-se a análise observacional em vídeo (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002), que, na leitura de Loizos (2004), se compara à análise de filmes. Como textos visuais, sua principal vantagem

está na possibilidade de se voltar as cenas continuamente, podendo o registro permanente ser reavaliado no intuito de incluir outras percepções sobre o problema a ser investigado (FLICK, 2004).

Flick (2004) reforça a noção de que as imagens dos vídeos e/ou filmes ganham maior importância por serem veículos capazes de mostrar a configuração social da realidade. Recomenda, no entanto, uma atitude subversiva, que “[...] leva em conta o fato de que as ideias do autor sobre a realidade influenciam o filme da mesma forma que as ideias do intérprete influenciarão sua interpretação” (FLICK, 2004, p. 167). Assim,

Abandona-se a suposição de haver a possibilidade de uma análise correta e completa do material do filme, substituindo-a pela noção de *diferentes interpretações desses dados*. Essas interpretações de múltiplos intérpretes podem ser analisadas e comparadas no tocante às diferentes construções de suas realidades. (FLICK, 2004, p. 167, grifo nosso).

O estudo observacional privilegia uma abordagem qualitativa, com vistas a apreender significados postos no enredo (PAIVA-JUNIOR; ALMEIDA; GUERRA, 2008). Como metodologia, considera as interpretações com base na realidade em que são mostrados e, mediante comparações, podem trazer luz às relações teóricas (FLICK, 2004). Assim, é “[...] indispensável colocar as questões de contexto de produção, de lugar e de momento de difusão” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002, p. 107) e, portanto, “[...] não se limitar ao conteúdo, mas levar em conta a expressão, consubstancialmente ligada ao sentido” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002, p. 139).

Como não há uma metodologia genérica para se proceder a um estudo dessa natureza, adota-se a sequência elucidativa de Flick (2004) em relação às etapas de um estudo observacional. Para essa pesquisa, pela associação entre vídeos e filmes, utiliza-se a expressão texto visual (Quadro 1).

Quadro 1 – Etapas para a condução da Análise de Textos Visuais

I	Os textos visuais são considerados como um todo, anotando-se as impressões, as questões e os padrões de significados que forem conspícuos
II	As questões de pesquisa a serem buscadas no material são formuladas. Anotam-se, então, as cenas-chave.
III	São conduzidas “microanálises estruturadas” de cenas e sequências individuais, que devem levar a descrições e padrões detalhados na exposição (de conflitos etc.) nesses extratos
IV	Para responder à questão de pesquisa, essa busca por padrões é estendida a todo o texto visual. Leituras realistas e subversivas são contrastadas e uma interpretação final é redigida

Fonte: Adaptação dos autores a partir de Flick (2004, p. 167).

De acordo com Vanoye e Goliot-Lété (2002), a desconstituição, que equivale à descrição, é elementar para que, em função de suas partes, se estabeleçam elos entre seus elementos na busca de compreender suas associações e os significados implícitos, quando se dá o retorno à composição de seus fragmentos, com novo aporte de significados e de compreensões, sendo esta uma etapa de reconstituição ou interpretação crítica.

A interpretação crítica (o termo *criticar* não comporta aqui conotação avaliativa, nada tem a ver, ou pouco tem a ver, com a crítica) interessa-se pelo sentido e pela produção do sentido, tenta estabelecer conexões entre o que se exprime e o como isso se exprime, conexões sempre conjecturais, hipóteses que exigem todo o tempo serem averiguadas pela volta ao texto. (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002, p. 52).

Em consideração à leitura de Flick (2004) e Vanoye e Goliot-Lété (2002), tem-se a opção de trabalhar as “microanálises estruturadas” como categorias e subcategorias, ao passo que as leituras subversivas vão incorporando o elemento crítico à análise, buscando-se, com essa etapa, complementar a identificação da Unilab como projeto inovador pelas

representações averiguadas nos textos visuais escolhidos para a análise.

5 A UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Criada em 2010 pela Lei nº 12.289, de 20 de julho, situada no Municípios de Redenção e Acarape, Estado do Ceará, e São Francisco do Conde, Estado da Bahia, nasce com o objetivo de ampliar o relacionamento com o mundo lusófono, haja vista que esta se torna região privilegiada nas estratégias de relações internacionais (DIÓGENES; AGUIAR, 2013), ocorrendo ao mesmo tempo com a expansão do acesso à educação superior projetada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto n. 6096, de 24 de abril de 2007.

No escopo dessa criação, observa-se que há um crescente interesse das ciências humanas e sociais em relação aos países de língua portuguesa (LANZA; RODRIGUES E CURTO, 2016), o que faz a Unilab ser reconhecida como “[...] um importante mecanismo de fortalecimento e instrumentalização das parcerias educacionais, culturais e técnicas Brasil-África” (BARROS; NOGUEIRA, 2015, p. 131).

Considera-se, ainda, que o contexto social que circunscreve a criação da Universidade envolve considerável reivindicação por mudanças, incluindo a superação do racismo (HELENO, 2014), em resposta ao movimento negro e ascensão econômica da África no panorama mundial no início do século XXI (SOUZA; MALOMALO, 2016).

No que diz respeito ao modelo institucional, características inovadoras e ousadas são enfatizadas, no sentido de uma proposta intercultural, que vise à solidariedade baseada em diálogo de saberes (BOCCHINI, 2017; CARVALHO FILHO; IPIRANGA; FARIA, 2017), sendo vocacionada ao estabelecimento de vínculos estreitos com a realidade local por meio do ensino, da pesquisa, da extensão e da internacionalização (GOMES, VIEIRA, 2013).

A Universidade é considerada como um modelo institucional alternativo ao modelo tradicional (BOCCHINI, 2017), haja vista que se alinha ao campo internacional numa perspectiva de contracorrente, direcionando-se de maneira oposta à tendência mundial (cooperação acadêmica com continentes e países do Sul) (MENEGHEL; AMARAL, 2016). Esta, por sua vez, vai na corrente de “[...] indicadores e padrões de desempenho suportadas por agências internacionais, pautadas nas normas europeias e norte-americanas, ou seja, voltadas para o norte” (MENEGHEL; AMARAL, 2016, p. 26).

Apresenta-se inovador, pois “[...] não há projetos semelhantes no país e sua essência está em implementar parcerias que possibilitem uma *identidade de múltiplas identidades*” (MENEGHEL; AMARAL, 2016, p. 37, grifo nosso). Inovador, ainda, pois se distingue do modelo de ensino superior tradicional-conservador, que, ainda, assume valores democráticos ante um compromisso com o elitismo cultural e com privilégios corporativos (GARCIA; CARLOTTO, 2013).

A Unilab, como proposta inovadora alternativa, articula-se à ideia de uma formação profissional que vincule reflexão sobre o modelo de desenvolvimento ao qual a sociedade está atrelada (MENEGHEL; AMARAL, 2016). Tal aspecto releva contradições, quando o discurso de solidariedade como ensejo para a cooperação é dicotomizado diante de tomada de decisões centradas em fatores econômicos (MENEGHEL; AMARAL, 2016). Nesse caso, a universidade, além de refletir tendência à quarta missão, no caso, a internacionalização, que Santos e Almeida Filho (2012) defendem, ela traz luz sobre a função do conhecimento produzido em relação a transformações sociais.

No horizonte de modelos de desenvolvimento, o equilíbrio entre a solidariedade e a pertinência social, nesse projeto, em um contexto universitário que reflete o desenvolvimento econômico-social de base capitalista, é, talvez, o principal desafio da instituição

(MENEGHEL; NOGUEIRA; VIEIRA, 2017). Assim, para atender requisitos inovadores, torna-se elementar combinar educação e gestão que primem por “[...] diferentes experiências e baseadas em conteúdos diversificados, produzidos muitas vezes em *espaços científicos não historicamente valorizados*” (MENEGHEL; AMARAL, 2016, p. 37, grifo nosso).

Nesse caso, o modelo de desenvolvimento social situa a importância da educação a ser desenvolvida pela Unilab como indutora da sustentabilidade econômica e social, que reflita em melhores condições de vida, sob o amparo da equidade e da justiça social (GOMES; VIEIRA, 2013), e, ainda, “[...] com soluções inovadoras para processos históricos similares [...] com respeito à soberania dos países parceiros” (DIÓGENES; AGUIAR, 2013, p. 7).

Todos esses desafios explicam a proposta da cooperação solidária na dinâmica de consolidação de seus processos, práticas de avaliação, planejamento e gestão, numa agenda em elaboração (BOCCHINI, 2017; NOBRE, 2015; RIBEIRO, 2016; SILVA, 2016; SOUZA; MALOMALO, 2016), haja vista que a cooperação internacional, pelo intercâmbio acadêmico e solidário, “[...] não é uma missão simples; ao contrário, reveste-se de grande complexidade, em termos concretos e simbólicos” (GOMES, VIEIRA, 2013, p. 92).

Para tanto, a realização dos objetivos ambiciosos dessa Instituição implica “[...] ter em mente políticas que compreendam a complexidade das demandas [...] sendo fundamental a presença de gestores sensíveis e preparados para lidar com o “outro”, com a diversidade [...]” (NOBRE, 2015, p. 80). Na primazia da cooperação internacional entre países do Sul, o projeto, ainda, tem a necessidade de estimular a produção de conhecimento que privilegie “[...] um diálogo horizontal – e não menos tenso – entre culturas, valores e *projetos de sociedade*” (GOMES, VIEIRA, 2013, p. 93, grifo nosso).

Esses problemas, além de refletirem o contexto da Instituição sob estudo, convergem com os desafios da educação superior brasileira para os próximos anos (até 2020), quando se projeta que a cooperação solidária pode considerar uma nova perspectiva para a internacionalização, com a democratização da relação entre universidade e a sociedade, com redução das desigualdades sociais, inclusão social, e a relevância social dos programas oferecidos, formando inteligências na perspectiva de uma cidadania social e ambientalmente responsável (SPELLER; ROBL; MENEGHEL, 2012).

Nesse caso, mesmo que as ideias de “cooperação internacional” e de “desenvolvimento” desvelem “[...] visões políticas, muitas vezes redutoras das contradições e das assimetrias [...]” (MILANI, 2012, p. 212), o termo solidariedade substantivando a cooperação internacional, bem como o conceito intercultural agregado ao diálogo, parecem oferecer caminhos diferenciados para a internacionalização da educação superior a ser desenvolvida por esta Instituição.

6 EXPLORAÇÃO DE DOCUMENTÁRIOS INSTITUCIONAIS

A análise dos documentários possui a perspectiva de caracterizar a Unilab como projeto inovador, por meio da representação da Instituição que se veicula nas mídias, no caso, no *Youtube*. Foram escolhidos vídeos que abordam aspectos político-pedagógicos da instituição, com narrativas de docentes, discentes e gestores de curso.

O contexto do documentário se dá com a constituição de um Grupo de Trabalho denominado Educação, Artes e Interdisciplinaridades (EARTI)¹, bem como do projeto de extensão universitária AFRODITA: a arte da educação e a formação de arte-educadores interculturais, ambos da Instituição. Esse último apresenta-se “[...] com uma proposta de [...] dialogar criticamente e criativamente com as culturas locais e universais, dentre elas, a cultura

¹ Buscas realizadas no *site* da Unilab, no Diretório de Pesquisa dos Grupos de Pesquisa do CNPq e no Lattes dos docentes que estão nos vídeos, em 21 de outubro de 2017, não teve êxito em relação a encontrar maiores informações sobre o Grupo.

brasileira de matriz europeia, indígena e africana, na promoção da descolonização do saber (SOUZA JÚNIOR; SOUSA; RAMOS, 2015, p. 2), o que denota atenção específica à epistemologia, na perspectiva de um projeto voltado para a “decolonialidade” do conhecimento (MIGNOLO, 2014). De acordo com notícia veiculada no *site* institucional em 29 de novembro de 2016, a coordenadora do Projeto, no caso a professora doutora Jeannette Ramos, também coordenadora do Curso de Pedagogia, na mesma data, informa que

[...] o projeto foi direcionado a comunidade acadêmica da Unilab, de “Cá e Acolá”, dos Brasis e Áfricas, das Bahias e dos Siaras, dos jardins do Maciço e do Francisco, da Unidade Acadêmica dos Palmares, *Campus* das Auroras e *Campus* da Liberdade, no Ceará e no *Campus* dos Malês, na Bahia e demais comunidades interessadas nos quatro documentários autônomos e de curta metragem, que tratam dos fazeres realizados na universidade, durante os seis anos de fundação. (UNILAB, *site*, 2017, grifo nosso).

No que tange às narrativas dos documentários, identifica-se o fato de que no Documentário 1 (UNILAB) são expressas falas de docentes dos cursos de graduação em Pedagogia e em Antropologia, e discentes dos cursos de graduação em Ciências da Natureza e Matemática. O Documentário 2 (A integração internacional, a Cooperação Sul-Sul e interculturalidade na UNILAB) possui a fala de docentes dos cursos de Química e História e discentes dos cursos de graduação em Letras Estrangeiras, Enfermagem, Ciências da Natureza e Matemática e Engenharia, tanto brasileiros como estrangeiros.

Em relação ao Documentário 3 (Direitos epistêmicos e ruptura paradigmática na UNILAB), observa-se a participação de docentes dos cursos de graduação em Antropologia e Pedagogia, bem como discentes de Engenharia. O Documentário 4 (O projeto político e pedagógico da UNILAB), por último, se constitui com a fala de docentes dos cursos de graduação em História e Antropologia, e discentes do curso de Letras.

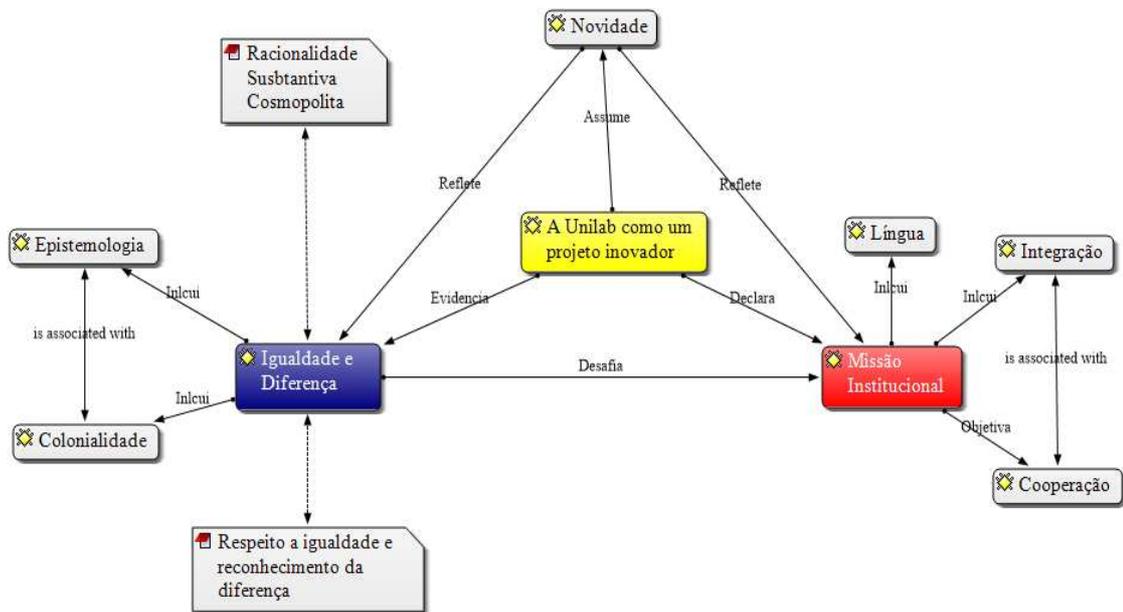
O vídeo produzido pela Unilab, também utilizado para essa análise, faz referência à Instituição em momento de implantação², ainda em 2010, e assume a característica de propagação inicial da Universidade, trazendo seus objetivos e primeiras ações ainda sob a responsabilidade de uma Comissão de Implantação. O vídeo informa, desde aspectos físicos e geográficos, à definição de cursos de graduação, concepções sobre a condução formativa, e sobre as diretrizes gerais da Instituição.

Em relação à análise, realizou-se a categorização com as narrativas transcritas dos documentários e vídeo oficial³. Para tanto, optou-se pelo uso do *software* Atlas/TI, haja vista a possibilidade de melhor dispor as categorias (códigos – *codes*) emergentes em esquemas gráficos (*Netview*) das suas relações. Com isso, a análise permitiu identificar seis categorias (Figura 1) e duas notas de análise (*Memos*).

Figura 1 – Análise dos documentários: categorias e suas relações

² A Universidade iniciou suas atividades no *Campus* da Liberdade em 25 de maio de 2011, dia da África (DIÓGENES; AGUIAR, 2013)

³ Esse termo “oficial” foi designado pelo seu teor institucional, ao passo que serviu aos gestores em momentos de participação de atividades públicas no processo de divulgação.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota: O mapa foi desenvolvido com auxílio do *software* Atlas.ti (Network).

As categorias ganham sentido se apreciados os seus respectivos segmentos de texto, citações consideradas durante a análise como representativas para alguns temas correlatos às categorias da pesquisa. Tem-se, portanto, que a ‘Novidade’ mostra-se articulada tanto à perspectiva da ‘Igualdade e da Diferença’ que se manifestam da discussão da Epistemologia e da Colonialidade, como expressa conteúdo específico da ‘Missão Institucional’, como a afirmação da Língua portuguesa, a Integração e a Cooperação.

Nesse sentido, o Quadro 2 ilustra esses segmentos, compondo o contexto de análise de cada código (Novidade, Colonialidade, Cooperação, Epistemologia, Integração e Língua) e as relações estabelecidas.

Quadro 2 – Categorias e segmentos de texto relacionados à análise dos comentários

CT	Segmentos de Texto
Novidade	<p>[...] porque <i>ela traz novas perspectivas, novos horizontes epistemológicos, metodológicos, novos horizontes para o processo de ensino-aprendizado, porque ela traz novas conexões com o saber e a educação e com a cultura</i> (Doc. 1)</p> <p>[...] <i>A nossa diferença, ou a nossa qualidade e de que a Educação não é produzida apenas nas perspectivas europeias</i> (Doc. 1)</p> <p>Formar parceria no sentido sul-sul, [...] com os nosso assemelhados do ponto de vista humano, social e também político, foi uma proposta fantástica (Doc. 2)</p> <p>[...] ela oferece aos alunos uma oportunidade que poucas universidades não só no Ceará, mas no Brasil que é de <i>conhecer outros lados da história</i>, você ter acesso a outras narrativas, acesso a outras culturas, e ver que o mundo é bem maior do que o eixo norte-sul. Então, é por isso que eu acho que é isso que faz a Unilab ser uma Universidade diferente (Doc. 2)</p> <p>Uma Universidade que inclui vários povos <i>em uma única missão</i>, mostrando essa beleza assim de integração (Doc. 3)</p> <p>A Unilab desponta <i>como uma inovadora e ousada proposta de cooperação internacional</i> (Vídeo Oficial)</p>

Quadro 2 – Categorias e segmentos de texto relacionados à análise dos comentários

CT	Segmentos de Texto
Colonialidade	<p>[...] <i>descolonizar a mente</i> é descolonizar comportamentos, é sair da zona de conforto, e trazer novas ideias em diálogo com um mundo em transformação (Doc. 3)</p> <p>Isso faz com que a visão eurocêntrica que normalmente coloca o eixo Europa, Estados Unidos, Atlântico Norte como lugar importante e faz com que o eixo desça e faz com que você tenha acesso o <i>que muitas vezes não aparecem nem nos livros didáticos</i> (Doc. 4)</p> <p><i>O neoliberalismo multicultural é muito cômodo para esse sistema, reconhecer a diferença, capturar a diferença, mas continuar subalternizando</i> [...] Então você não ataca de fato as estruturas que mantém a desigualdade no poder, e nós sabemos que <i>o conhecimento, ele é um poder muito importante</i> (Doc. 4)</p>
Coop.	<p>Um modelo onde a <i>qualidade acadêmica</i> está na cooperação entre povos de diferentes nações, onde a integração <i>reconhece a diversidades culturais e promove o encontro de ideias</i> (Vídeo Oficial)</p>
Epistemologias	<p>Então é o reconhecimento que existe uma <i>pluralidade epistêmica</i> e que ela está representada aqui nesse contexto da Unilab (Doc. 1)</p> <p>[...] e o grande desafio que está posto hoje em termos da pauta de direitos, de reconhecimentos dos direitos sociais, políticos e econômicos são também os <i>direitos epistêmicos que foram historicamente subalternizados</i>. E a Unilab se coloca o desafio enquanto uma Universidade, de <i>produzir conhecimento a partir dessa pluralidade</i> (Doc. 1)</p> <p>[...] por conceber que <i>essa cultura possui saberes, possui ancestralidade, possuem um conjunto de conhecimentos que podem ser utilizados, podem ser debatidos, e podem ser fonte de inspiração, e de material de conhecimento para formação de professores</i> (Doc. 3)</p> <p>A grande questão que está posta hoje para os pesquisadores e pesquisadoras não é mais <i>pesquisar sobre o outro numa relação de poder hierarquizada</i>, mas é de a gente <i>pesquisar com o outro e a partir do outro</i>, é muito mais um encontro e um diálogo de conhecimentos e de saberes, que vai se construindo (Doc. 3)</p> <p><i>Ela rompe com essa paradigma de só o livro, só o texto tem algo a ensinar, mas a vida cotidiana ensina</i>, as relações com os homens e as mulheres ensinam, as relações com a natureza também nos ensinam (Doc. 3)</p> <p>Os saberes dos povos e das populações historicamente subalternizadas, <i>não basta serem reconhecidas, precisam ser reposicionadas no poder e isso se faz com ciência e isso se faz produzindo teoria também</i> (Doc 4)</p>
Integ.	<p>[...] a Universidade da integração, eu vejo a integração todos os dias, quando eu entro na sala, quando eu vejo do meu lado uma pessoa de Guiné-Bissal, do outro lado uma pessoa da Ásia, e do outro lado eu vejo uma pessoa da minha rua (Doc. 2)</p> <p>Profissionais humanos, profissionais que deste a sua graduação <i>aprendem a conviver com a diferença, com negros, com brancos, com hispânicos, com gays, com todos</i> (Doc. 2)</p> <p>Queremos saber como é a cultura dele, como são os hábitos deles, e também por tratar de outras línguas, foi para mim mais apaixonante. Viver num lugar que a gente tem acesso a vários tipos de culturas (Doc. 2)</p> <p>Eu digo que <i>sou Unilabeano, o termo que hoje unifica de uma forma geral, hoje somos uma grande família, uma família lusófona</i> (Doc. 2)</p> <p>Eu aprendo muito com os meus colegas, eles aprendem comigo, <i>nessa troca descobrimos o quão próximos somos</i> (Doc. 2)</p> <p>Quando eu chego aqui encontro pessoas com identidades diferentes, mas <i>com compatibilidades e pensamentos de seguir em frente e tentar construir uma nova corrente, um novo pensamento</i> (Doc. 2)</p>
Língua	<p>[...] a Universidade [...] <i>avança fronteiras para buscar parcerias com países que tem a língua portuguesa como idioma oficial e que convivem com diferentes culturas e línguas nacionais</i> (Vídeo Oficial)</p> <p><i>Língua portuguesa, língua que vence a imensidão dos mares e reconhece povos, expressão de culturas diversas e ricas em sabedoria, conhecimentos que agora se encontram por meio da educação superior</i> (Vídeo Oficial)</p>

Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda: Coop.: Cooperação; Integ.: Integração; CT.: Categorias; Doc.: Documentário.

A primeira categoria empírica ‘Novidade’ relaciona segmentos de texto indicativos de que a Unilab se diferencia por assumir uma perspectiva epistemológica considerada nova, aquela que se insere no âmbito da problemática Norte-Sul e Sul-Sul, considerando o reconhecimento de outros lados da história, particularmente as do Sul. Com isso, a concepção epistemológica que singulariza a Unilab é a que relaciona saberes e cultura, no âmbito do reconhecimento de suas pluralidades de formas e manifestações (MENESES, 2008).

No caminho da ‘Novidade’, surge a temática da ‘Colonialidade’ e a da ‘Epistemologia’, no sentido da afirmação dessa em combate àquela. A ‘decolonialidade’, aposta na ideia de que há muito mais do que um processo político e histórico do saber, há o processo de colonização da mente (ALATAS, 2015). O reconhecimento da pluralidade epistêmica envolve a sua defesa como direito, permitindo que o outro seja reposicionado, e seu saber empoderado. Para tanto, situar essa epistemologia envolve reconsiderar a atitude de pesquisa e o lugar do outro como membro do processo, quando a pesquisa se faz com o outro e com a procedência dele. Atuar, então, com outras perspectivas epistemológicas invoca a necessidade de ‘decolonizar’ a mente, concebendo a ciência no âmbito político, convocando-a a trabalhar no nível de direitos epistêmicos e empoderamento (MENESES, 2013), inclusive como processo necessário para não se avançar no que se denomina neocolonialismo multicultural (HALE, 2005).

Quando o reconhecimento da igualdade intercultural e das diferenças de culturas no domínio dos direitos é associado a políticas econômicas neoliberais pode vir a ocasionar a ‘captura da diferença’, para neutralizar oposições políticas e reestruturar hierarquias (HALE, 2005). É com essa reflexão que Hale (2005) situa o neocolonialismo multicultural como o processo de conceber a diversidade cultural inserida na lógica liberal, que objetiva a reestruturação da arena política, numa espécie de domesticação dos movimentos sociais, induzindo maior receptividade às ações pela crença de que estas estão situadas no nível da defesa da diversidade cultural.

Em síntese, evidencia-se que, no âmbito da ‘Epistemologia’ e da ‘Colonialidade’, situa-se a respeito da ‘igualdade’ e ‘reconhecimento da diferença’(no caso, segunda categoria empírica) em um campo político, quando a ciência é convocada a realizar um projeto que situe o direito epistêmico como uma nova configuração de poder (MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, 2012; QUIJANO, 2009). Com isso, a ‘decolonização’ epistêmica envolve a busca de reorientar o *modus operandi* do conhecimento em favor de uma arquitetura que seja integrativa e responsiva, o que se apõe no âmbito da discussão da Racionalidade Substantiva Cosmopolita (BIZARRIA, 2019).

No âmbito da terceira categoria empírica (no caso, a Missão Institucional), um caminho importante para a ‘decolonialidade’ epistêmica (MIGNOLO, 2017) são, a saber; a ‘Integração’, quando do seu exercício na da sala de aula, considerando que é por meio da convivência que se desenvolve o sentimento de igualdade, de proximidade, de irmandade; a ‘Cooperação’ é, então, fortalecida pela ideia da integração, haja vista que essa favorece a projeção do encontro e diálogo de ideias e saberes e, ao mesmo tempo, contraria o capitalismo (SANTOS, 2009); e, a ‘Língua’, como elo entre os países e suas variadas culturas (particularmente lembrada no vídeo oficial), quando se reforça a noção de que a Unilab nasce com uma proposta particular de integração internacional no contexto da língua portuguesa (DIÓGENES; AGUIAR, 2013).

Assim sendo, a ‘Missão’ da Unilab é reforçada pelos documentários e vídeo oficial, no âmbito da ‘integração’, a ser exercitada com o encontro de variadas culturas, particularmente representadas pela participação dos discentes e docentes estrangeiros na comunidade acadêmica. A ‘Cooperação’ e a ‘Língua’, nesse escopo, formalizam que essa missão possui uma dada identidade, associada à CPLP e a Cooperação Sul-Sul. Ressalta-se, ainda, que a língua portuguesa, no contexto da CPLP, é objetivo de questões controversas, inclusive na perspectiva de hierarquização de idiomas, e identidades políticas, centro e periferia, que podem atestar novas relações coloniais (MOTA, 2009; SANTOS, 2017).

De todo modo, destaca-se o fato de que a CPLP é representada como uma iniciativa de Cooperação Sul-Sul, caracterizando-se pelo “[...] compartilhamento de capacidades especializadas e experiências exitosas entre os países, numa relação mais horizontal, solidária e integral do que a clássica cooperação “norte-sul” com tendência unidirecional.” (SANTOS;

CERQUEIRA, 2015, p. 29, grifo nosso). Na mesma lógica que o conceito Sul Global não restringe à concepção geográfica, mas envolve realidades históricas e políticas de dominação e exclusão (MENESES, 2008), a Cooperação Sul-Sul “[...] não se limita à cooperação estabelecida entre países em desenvolvimento, tampouco a uma referencia geográfica dos países cooperantes” (SANTOS; CERQUEIRA, 2015, p. 29).

Na caracterização da novidade, portanto, afirma-se o compromisso institucional com uma nova maneira de pensar conhecimento, assentada em um projeto político de cunho “decolonial”. Ainda, a novidade coloca peso sobre o desafio da decolonialidade epistêmica, face ao contexto do neocolonialismo multicultural. Nesse caso, problematiza-se se esse não acaba por evidenciar a necessidade de refletir sobre um propósito ante à perspectiva da emancipação social (SANTOS, 2016), traduzidas na promoção de maior qualidade de vida. Isto faz emergir a racionalidade que opera nesse contexto, como aquela que seja tanto substantiva (RAMOS, 1989), quanto cosmopolita (SANTOS, 2002), e que organize o compromisso político e coordene esforços na realização da solidariedade (BIZARRIA, 2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aborda os dados documentados e indicadores visuais com suporte em quatro documentários e um vídeo institucional, com vistas a aprofundar a compreensão sobre elementos inovadores que a Instituição manifesta em seu projeto.

Muitos obstáculos revelam uma instituição em decurso de institucionalização, com problemas em gestão e política institucional. Particularmente, são identificadas dificuldades para implantar ações direcionadas ao diálogo intercultural, consideração das variações linguísticas entre os países parceiros, despreparo institucional para abordar assuntos étnico-raciais, inclusive em virtude da formação tradicional dos professores, e problemas de infraestrutura da região, um território de vulnerabilidade social (BOCCHINI, 2017; SOUZA; MALOMALO, 2016; VIEIRA et al., 2012). Além disso, a falta do diálogo permanente, centralização e hierarquização da gestão surgem como entraves à consecução do projeto (BOCCHINI, 2017), bem como a manifestação do racismo e discriminação na comunidade universitária (MENDONÇA, 2017).

Questiona-se, ainda, se a Universidade, de fato, realiza sua missão, no caso, a internacionalização, a integração e o compartilhamento de conhecimento, ante importantes desafios, conquistas, conflitos e incompletudes do cotidiano dessa instituição (RIBEIRO, 2016). Nesse sentido, Ribeiro (2016) ressalta que gestores, servidores docentes e técnico-administrativos e discentes ainda não identificam a instituição que pretendem estabelecer (RIBEIRO, 2016). No mesmo caminho, Silva (2016) informa baixa participação de segmentos da Instituição em procedimentos institucionais importantes, a exemplo dos processos avaliativos, bem como a subutilização de seus resultados como subsídios para a gestão.

Os documentários, por sua vez, demonstram consensos em relação à caracterização da Unilab como um Projeto Inovador. Com esses dados, define-se que essa inovação é anunciada em decorrência de sua perspectiva epistemológica em associação à emergência de debates teórico-políticos que evidenciam a necessidade de se considerar a “decolonialidade” epistêmica na constituição de possibilidades acadêmico-formativas integradoras da diversidade cultural em respeito à pluralidade de saberes. Em decorrência, essa concepção epistemológica se exprime na Cooperação Sul-Sul, com suporte em diálogos internacionais com Países de Língua Oficial Portuguesa, os “países parceiros”, na qual se buscam interações pautadas pelas relações de reciprocidade e solidariedade.

A Cooperação Solidária Internacional, portanto, pacifica a ideia de que a novidade institucional está na sua dimensão epistemológica, que a faz desafiadora, tanto no que diz

respeito à amplitude da pluralidade de saberes envolvida, haja vista o escopo da diversidade cultural que se mostra pela integração de variados países, como no que tange à própria afirmação dessa epistemologia em contexto de colonialidade do saber.

Sob a óptica epistemológica, por sua vez, a Unilab deverá ser capaz de assumir modelos de racionalidade e de epistemologia diverificados, derivados no reconhecimento da riqueza das culturais na perspectiva de sustentar o diálogo intercultural numa perspectiva educacional ampliada, integrada e cidadã (TAVARES, 2013).

Referências

- ALATAS, S. F. Doing sociology in South East Asia. **Cultural Dynamics**, n. 2, v. 27, p. 191-202, 2015.
- ALMEIDA FILHO, N. de. **Universidade Nova: textos críticos e esperançosos**. Brasília, DF: Ed. da Universidade de Brasília; Salvador: EDUFBA, 2007.
- BARROS, D. de.; NOGUEIRA, S. G. Cooperação educacional internacional Brasil/África: do programa estudantes-convênio de graduação (PEC-G) à Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). **REI - Revista de Estudos Internacionais**, v. 6, n. 2, p. 117-133, 2015.
- BHAMBRA, G. K. Introduction: Knowledge production in global context: Power and coloniality. **Current Sociology Monograph**, v. 62, n. 4, p. 451-456, 2014.
- BIZARRIA, F. P. A. Da Razão Substantiva à Razão Substantiva Cosmopolita: ensaiando novas possibilidades. **Organizações & Sociedade**, 2019 (no prelo).
- BIZARRIA, F. P. A.; TASSIGNY, M. M.; FREIRE, J. C. da. A universidade em crise em Ivory tower e dilemas de institucionalidade, hegemonia e legitimidade. In: FREIRE, J. V. da S.; VARELA, B. L.; PACHECO, J. A.; GALVÃO-BAPTISTA, M (Org.). **Educação Superior – Desenvolvimento e Cooperação Sul-Sul**. Belém: UFPA; Praia: Edições Uni-CV, 2017.
- BOCCHINI, D. **Inclusão do Estudante Africano na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab):** Perspectivas para um Currículo Contra-Hegemônico. Tese de doutorado em Educação – Universidade Nove de Julho, 2017.
- CARVALHO FILHO, V.; IPIRANGA, A. S. R.; FARIA, A. de A (De)Colonialidade na Educação em Administração: Explorando Limites e Possibilidades. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 25, n. 47, p. 1-34, 2017.
- DIAS SOBRINHO, J. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Educação & Sociedade**, v. 13, n. 113, p. 1223-1245, 2010.
- DIÓGENES, C. G.; AGUIAR, J. R. (Org.). **UNILAB: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul**. Redenção: UNILAB, 2013.
- DUSSEL, E. Transmodernidade e Interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016.
- ESCOBAR, A. Thinkin-felling with the Earth: Territorial Struggles and the Ontological Dimension of the epistemologies of the South. **Revista de Antropologia Iberoamericana**, v. 11, n. 1, p. 11-32, 2016.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GARCIA, S. G.; CARLOTTO, M. C. Tensões e contradições do conceito de organização aplicado à universidade: o caso da criação da USP-Leste. **Avaliação**, Campinas; Sococaba, SP, v. 18, n. 3, p. 657-684, nov. 2013.
- GOMES, N. L.; VIEIRA, S. L. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso- Afro-brasileira (UNILAB). **Revista Lusófona de Educação**, v. 24, p. 81-95, 2013.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HALE, C. R. Neoliberal Multiculturalism: the remaking of cultural rights and racial dominance in Central America. **PoLAR**, v. 28, n. 1, p. 10-28, 2005.

HELENO, M. G. B. O lugar da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) na política externa do governo Lula (2003-2010). **O Público e o Privado**, n. 23, p. 109-127, jan./jun. 2014.

KÖCHE, J. C. **Pesquisa científica: critérios epistemológicos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, E (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

LANZA, F.; RODRIGUES, D.; CURTO, J. C. Perspectivas contemporâneas sobre o mundo lusófono. **Mediações**, v. 21, n. 2, p. 12-25, jul./dez. 2016.

LEE, V. P.; HONGLING, L.; MIGNOLO, W. D. Global coloniality and the Asian Century. **Cultural Dynamics**, n. 2, v. 27, p. 165-190, 2015.

LOIZOS P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, A. B. Alternativas epistémicas para las ciencias sociales desde el sul. **Revista de Filosofia**, n. 70, p. 83-97, 2012.

MARTINS, C. B. Sociologia e Ensino Superior: encontro ou desencontro? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 100-127, jan./abr. 2012.

MENEGHEL, S.; AMARAL, J. Universidades internacionais na contracorrente. As propostas da Unila e da Unilab. **Universidades - UDUAL**, México, n. 67, jan./mar. 2016.

MENEGHEL, S.; NOGUEIRA, J. F. F.; VIEIRA, S. L. Unilab: uma proposta freiriana de Universidade popular? **Eccos – Revista Científica**, n. 42, p. 21-37, jan./abr. 2017.

MENESES, M. P. Epistemologia do Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 5-10, mar. 2008.

MENESES, M. P. Para ampliar as Epistemologias do Sul: verbalizando sabores e revelando lutas. **Configurações: Revista de Sociologia**, n. 12, 2013.

MIGNOLO, W. D. Spirit out of bounds returns to the East: The closing of the social sciences and the opening of independent thoughts. **Current Sociology Monograph**, n. 4, v. 62, p. 584-602, 2014.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais de hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

MILANI, C. R. S. Aprendendo com a história: críticas à experiência da Cooperação Norte-Sul e atuais desafios à Cooperação Sul-Sul. **Caderno CRH** (UFBA. Impresso), v. 25, p. 211-231, 2012.

MORITZ, M. O.; HERLING, L. H. D.; MELO, P. A. de; COSTA, A. M. A Prospecção de Cenários nas Universidades: variáveis portadoras de futuro e a trajetória da Universidade Federal de Santa Catarina para 2022. **Revista de Ciências da Administração**, CAD/UFSC, v. 13, p. 111-135, 2011.

MOTA, M. V. P. C. **Brasil, Portugal e a CPLP: Possíveis estratégias internacionais no século XXI**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009.

NOBRE, C. D. D. Timorenses na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB): encontros e desencontros de uma experiência. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

NUNES, J. A. O resgate da epistemologia. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 45-70, mar. 2008.

OLIVEIRA, M. J. Carta do editor – os periódicos científicos na promoção do diálogo Sul-Sul. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, v. 1, n. 1, p. 4-8, 2017.

PAIVA JÚNIOR, F. G.; ALMEIDA, S.; GUERRA, J. R. F. O empreendedor humanizado como uma alternativa ao empresário bem-sucedido: um novo conceito em empreendedorismo, inspirado no filme *Beleza Americana*. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 8, p. 112-134, 2008.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

RAMOS, A. G. **A Nova Ciência das Organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

RIBEIRO, F. A. **Espaço e Estratégia Geoeducacional na Cooperação Sul-Sul: Uma Análise dos Projetos das Universidades de Integração Internacional – Unila e Unilab**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

ROSA, M. C. Theories of the South: Limits and perspectives of an emergent movement in social sciences. **Current Sociology**, v. 62, n. 6, p. 851-867, 2014.

SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002.

SANTOS, B. de S. A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 11-43, mar. 2008.

SANTOS, B. de S. Um Ocidente Não-Ocidentalista?: a filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, B. de S. **A Universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época).

SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. Introdução. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, E. Internacionalização da educação superior - a opção geopolítica pela integração regional nos casos da UNILA e da UNILAB. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 3, n. 3, p. 30-51, set./dez. 2017.

SANTOS, F. S.; ALMEIDA FILHO, N de. **A quarta missão da Universidade – internacionalização universitária na sociedade do conhecimento**. Brasília: Coedição Universidade de Coimbra e Universidade de Brasília, 2012.

SANTOS, R. de F.; CERQUEIRA, M. R. Cooperação Sul-Sul: experiências na América do Sul e na África. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 23-47, jan./mar. 2015.

SAVRANSKY, M. A Decolonial Imagination: Sociology, Anthropology and the Politics of Reality. **Sociology**, v. 51, n. 1, p. 11-26, 2017.

SILVA, M. do S. M. **Repercussão dos resultados da Autoavaliação Institucional na Gestão da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUSA JÚNIOR, A. F. M.; SOUSA, N. F.; RAMOS, J. F. Arte do brincar e vivências interculturais na Unilab. In: II SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UNILAB. **Práticas Locais, Saberes Globais**. Redenção: UNILAB 2015.

SOUZA, O. R.; MALOMALO, B. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará. **Interfaces Brasil/Canadá**, Canoas, v. 16, n. 1, 2016, p. 256-293, 2016.

SPELLER, P.; ROBL, F.; MENEGHEL, S. M. **Desafios e Perspectivas da Educação Superior Brasileira para Próxima Década**. Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012.

TILLEY, L. Resisting Piratic Method by Doing Reserch Otherwise. **Sociology**, v. 51, n. 1, p. 27-42, 2017.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise filmica**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2002.